

Vazamento de informação, a guerra da CPI

■ Grupos progressista e conservador se acusam mutuamente de dirigir o noticiário, para prejudicar ou favorecer candidatos de 94

CHRISTIANE SAMARCO E
FRANKLIN MARTINS

BRASÍLIA — A CPI do Orçamento está vivendo uma guerra civil, envolvendo seus próprios integrantes. O *front* é a Subcomissão de Bancos, justamente a que vem produzindo as provas mais contundentes contra os participantes do esquema de corrupção. De um lado, estão os parlamentares dos partidos mais conservadores, comandados pelo coordenador da subcomissão, deputado Benito Gama (PFL-PE). De outro, os partidos progressistas, tendo à frente o petista Aloizio Mercadante (PT-SP). Em vez de trocarem tiros, cada grupo acusa o outro de vaziar deliberadamente informações para a imprensa, com o objetivo de dirigir politicamente o noticiário, todos de olho nas eleições presidenciais de 1994.

Na última quarta-feira, em reunião interna da subcomissão, Benito Gama mostrou um documento com os registros das movimentações em cofres bancários do deputado Cid Carvalho (PMDB-MA), advertindo aos colegas de que a informação não deveria vaziar. Ato contínuo, guardou o papel no bolso do paletó.

Cilada — Mercadante, que vinha sendo acusado nos bastidores por Benito de vaziar informações para a imprensa, resolveu dar o troco. Armou uma cilada para o coordenador da subcomissão. Combinou com todos os companheiros de manter silêncio absoluto sobre a informação e avisou: "Vocês vão ver como isto vai acabar na televisão."

No dia seguinte, quando Benito veio cobrar a exibição das imagens do documento sigiloso na TV, a reação veio de pronto. Os outros parlamentares lembraram

ao coordenador um detalhe: a única cópia do documento foi a que ele colocou no bolso do paletó, diante de todos. A partir daí, começou a galhofa. Na hora do almoço, alguns parlamentares comentaram o fato com jornalistas e, em meio a risadas, foi criada a *Avibega*, ou seja, a Associação das Vítimas do Benito Gama.

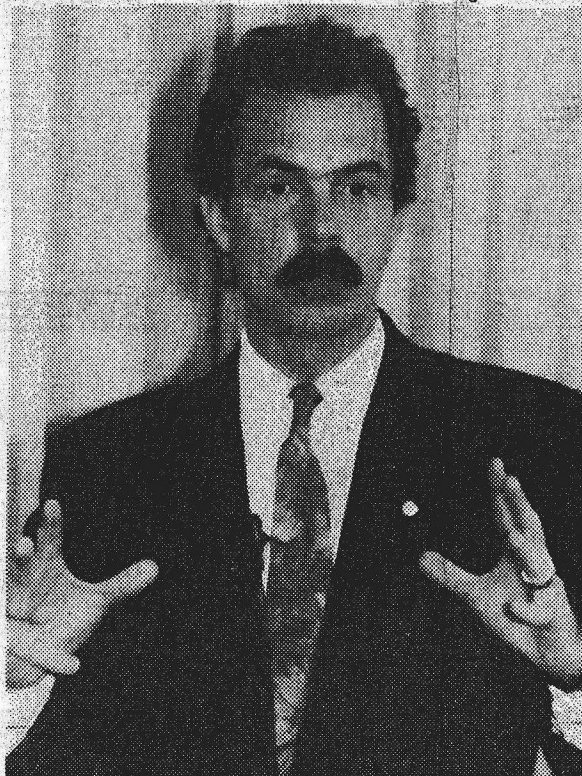
A brincadeira esconde uma guerra política para valer. Para PT, PDT e aliados da esquerda, o vazamento de informações comprometendo as lideranças mais expressivas do PMDB teve um objetivo claro: desviar a atenção da opinião pública do deputado Ricardo Fiúza (PFL-PE), do ministro Alexandre Costa (PFL-MA) e do líder do PPR na Câmara, José Luiz Maia (PI), que estavam no centro do noticiário no início dos trabalhos da CPI.

Nada casual — A estratégia teria sido deslocar o eixo das investigações para os pemedebistas. Por este raciocínio, não foi casual o vazamento das altas movimentações bancárias de Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), antes que fosse esclarecida a participação de Fiúza no esquema do Orçamento.

Para os parlamentares conservadores, ao contrário, os partidos progressistas é que vinham tentando direcionar a atenção da opinião pública com vazamentos orquestrados.

Referem-se à divulgação de um cheque de João Alves para Célia Abdala, assessora do ministro Alexandre Costa. Argumentam ainda os conservadores que, para poupar o PMDB, houve a divulgação precipitada de informações sobre o movimento bancário do governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz, do Partido Progressista.

Carlos Goldgrub — 3/4/93



Jamil Bittar — 28/5/92



Mercadante (E) armou uma cilada que deu certo: só Benito tinha documento sigiloso, mostrado na TV